Do materialismo no método de Marx

Miriam Limoeiro Cardoso*

Embora não publicada por Marx, a *Introdução de 1857* tem sua importância amplamente reconhecida[1]. Por seu alcance teórico e político, destaco no método aí esboçado a questão do materialismo, construído como crítica ao idealismo e claramente diferenciado das versões vulgares e mecanicistas. Nele a história social concreta condiciona inapelavelmente a possibilidade e o limite do conhecimento, mas este conhecimento se constrói com a participação ativa da teoria.

Para demarcar minhas indagações, recorro a duas leituras alternativas. Della Volpe qualifica o método de Marx como círculo concreto-abstrato-concreto e destaca a ordem inversa entre o desenvolvimento das categorias no plano lógico e no plano histórico[2]. Althusser se fixa principalmente na distinção entre objeto do conhecimento e objeto real e afirma a impossibilidade de relação entre a ordem do pensamento e a do real[3].

Considero as preocupações de Althusser de que não dispor de uma teoria da sua produção teria acarretado silêncios e ambigüidades nos textos de Marx, mas construo uma leitura em que trato a *Introdução de 1857* como um conjunto articulado e internamente consistente, apesar das suas ambigüidades. Mantenho esta hipótese quanto à parte 3 da *Introdução*. Separar do texto apenas as questões do concreto de pensamento ou da ordem das categorias econômicas produz um silêncio de Marx onde Marx mesmo não havia silenciado. Por outro lado, desconsiderar a especificidade teórica do concreto

---

* Socióloga, Professora aposentada da UFRJ.

[1] Mesmo por um crítico como Henri Denis. *L'Économie de Marx, Histoire d'un Échec*. Paris, PUF, 1980.

[2] Galvano Della Volpe, *Opere*, 4. Roma, Editori Reuniti, 1973. Ao relacionar as leituras de Della Volpe e de Althusser, não desconsidero as críticas de Buci-Glucksman ao tratamento de Althusser ao historicismo italiano, cf. "Présentation" a Lucio Colletti, *De Rousseau a Lenine*. Paris, Londres & New York, Gordon & Breach, 1972; desenvolvidas em Christine Buci-Glucksman, *Gramsci et l'État. Pour une Théorie Matérialiste de la Philosophie*. Paris, Fayard, 1975.

[3] Louis Althusser, *Pour Marx*. Paris, François Maspero, 1966 ; "Du Capital à la Philosophie de Marx ". In: Louis Althusser, Jacques Rancière & Pierre Macherey, *Lire Le Capital*, tome I. Paris, François Maspero, 1966 ; "L'Objet du Capital". In: Louis Althusser, Etienne Balibar & Roger Establet, *Lire Le Capital*, tome II. Paris, François Maspero, 1966; e "Avant-propos" a Gérard Duménil, *Le Concept de Loi Économique dans "Le Capital"*. Paris, François Maspero, 1978. Para uma discussão do "processo da prática teórica" em Althusser ver Miriam Limoeiro Cardoso, *La Construcción de Conocimientos. Cuestiones de Teoría y Método*. México, Ediciones Era, 1977, esp. cap. 1 e 2.

pensado e a indicação metodológica da via do abstrato ao concreto também silencia Marx onde Marx não havia silenciado.

Não há como negar a existência de ambigüidades e imprecisões na *Introdução de 1857*, ao longo de todo o texto. Mas é importante notar que aí se encontra uma antecipação de procedimentos que Marx adotará em trabalhos posteriores[4]. Enquanto constitui um pensamento efetivamente original, Marx participa da luta política e constrói um projeto revolucionário. Conjuga a crítica político-ideológica e a crítica teórica.

Metodologicamente sobressai sua relação com Hegel, que é considerada como descontínua, como contínua, ou como afastamento progressivo mas incompleto. Havendo descontinuidade, a melhor perspectiva a adotar metodologicamente é a da atualidade dessa história. Se uma ciência se constitui por cortes e rupturas, a formulação que rompe com uma anterior não pode ser entendida a partir desta, mas só a partir dela mesma. Assim, se há uma herança hegeliana com a qual Marx teria rompido, o mais indicado enquanto método é proceder ao estudo de Marx no próprio Marx e só então retroceder a Hegel.

Falando não sobre a história do pensamento, mas sobre a história dos homens, Marx ensina que esta história é sempre uma reconstrução, que é teórica e comandada pela teoria e se constitui por cortes que marcam diferenças essenciais. A base para esta reconstrução é a sociedade que apresenta "o desenvolvimento concreto mais rico".

Marx trabalha com dois conceitos de abstração[5]. Critica a concepção de que a abstração é própria do pensamento, enquanto o real é concreto[6]. Uma realidade (determin*ada*) é uma abstração enquanto não é concebida *com* os seus determinantes,

---

[4] "In the 1859 *Critiqu*e, *Theories of Surplus Value*, and *Capital*, he (Marx) does not use historically ambiguous categories like labour 'pure and simple', but develops a new conceptual apparatus founded upon the scrupulous distinction of the historical and transhistorical referents of such notions". Derek Sayer, *The Violence of Abstraction. The Analytic Foundations of Historical Materialism*. Oxford & Cambridge, Basil Blackwell, 1989, p. 128.

[5] Estes a que me refiro não são os de que fala Balibar na sua importantíssima leitura da *Introdução de 1857*, em que trabalha especialmente sobre os conceitos de produção em geral e de produção geral. Étienne Balibar, "Sur les concepts fondamentaux du matérialisme historique. Annexe: un texte de méthodologie". In: Althusser, Balibar & Establet. *Lire Le Capital*, t. II, cit. Para uma discussão minha sobre o tema, ver Miriam Limoeiro Cardoso, *Para uma leitura do método em Karl Marx – anotações sobre a "Introdução de 1857". Cadernos do ICHF* . Niterói, ICHF / UFF, nº 30, set. 1990..

[6] Esta crítica a tradição marxista italiana não tem acompanhado inteiramente, continuando a identificar o concreto com a realidade empírica e o abstrato com o pensamento. "Il passagio dal concreto allastratto, dalla *cosa* al *pensiero*, ... il passagio dall'astratto al concreto (la deduzione)." Lucio Colletti, "Dialettica scientifica e teoria del valore", Prefazione a Eval'd Vasil'evič Il'enkov, *La Dialettica dell'Astratto e del Concreto nel Capitale di Marx*. Milano, Feltrinelli Editore, 1975, p. XV, itálicos meus.

que são relações históricas, fundamentalmente diferentes a cada grande descontinuidade histórica (isso é decisivo) e que não são coisa, realidade sensível (o que também é decisivo). É devido ao caráter não-factual das relações determinantes que *a apreensão dessas relações só pode ser feita pela via do pensamento*. Ao fazê-lo o pensamento pode reproduzir mentalmente o concreto não mais como realidade aparente e sim como "une riche totalité de maintes déterminations et relations". "La méthode qui consiste à s'élever de l'abstrait au concret" "c'est manifestement ... (la) qui est correcte du point de vue scientifique"[7]. Marx fala da abstração do que parece concreto enquanto é apreendido sem suas determinações e da abstração que permite ao pensamento alcançar as relações determinantes que podem conduzir à reprodução mental do concreto não mais como uma representação caótica do todo[8].

O método que Marx define como cientificamente correto vai *do* abstrato (conceitos que expressam determinações) *ao* concreto ("reproduction du concret au cours du cheminement de la pensée"). Sua démarche é teórica. Enquanto procedimento se passa inteiramente no pensamento. Marx aponta a necessidade da construção – teórica – do objeto a conhecer, Althusser tem razão. No entanto, como considera como "ambigüidades de formulação" os passos seguintes do texto, não os vincula à noção de concreto pensado. Trata como não-científica qualquer pretensão de relacionar pensamento e real e afirma que a produção do conhecimento se passa inteira e exclusivamente no plano do conhecimento. A questão filosófica do real fora do pensamento pode ser uma questão desesperada, mas como Gramsci colocou, se resolve na prática da vida e da luta concretas.

> "Après comme avant le sujet réel subsiste dans son autonomie en dehors du cerveau ; et cela aussi longtemps que ce cerveau se comporte de façon purement speculative, purement théorique. C'est pourquoi dans la méthode théorique même il faut que le sujet, la société, demeure constamment présent à l'esprit en tant que présupposition."

Marx reafirma, contra Hegel, a existência da realidade como exterior e autônoma. E como condição de possibilidade e de limite do pensamento. Althusser trata

---

[7] Karl Marx, *Manuscrits de 1857-1858* ("Grundrisse"), Tome I. Paris, Éditions Sociales, 1980. Faço todas as citações da *Introdução de 1857* a partir desta edição.

[8] Sobre a aproximação entre Hegel e as formulações de Marx sobre o concreto pensado ver, por exemplo, Nicola Badaloni, *Per il Comunismo. Questioni di Teoria*. Torino, Einaudi Editore, 1972; também Hiroshi Uchida, *Marx's Grundrisse and Hegel's Logic*. London & New York, Routledge, 1988.

a presença em Marx desta relação como resto de problemáticas anteriores[9]. Por outro lado, Della Volpe junta demais o que considera ser a determinação do pensamento pela realidade e o processo da construção do conhecimento. Sendo a realidade histórica determinante, como tal antecedente, ela é que conduziria *o processo* de construção do conhecimento. Assim, transforma o método *do* abstrato *ao* concreto em círculo concreto-abstrato-concreto. Della Volpe lê em Marx que "é preciso ... primeiro que tudo *proceder a abstrações* (sem o que não há pensamento nem conhecimento de nenhuma espécie) *partindo do concreto*', do 'sujeito real', que é neste caso uma 'sociedade *determinada*', histórica"[10]. Conclui: "portanto, o método correto pode representar-se como um movimento *circular* do concreto ou real para o abstrato ou ideal e deste para aquele (cf. o círculo positivo matéria-razão)"[11]. Identifica assim a "dialética científica simbolizada no círculo concreto-abstrato-concreto ou círculo de matéria e razão"[12] ou "indução que é dedução e vice-versa"[13]. Entendo que Della Volpe inverte o método proposto por Marx no que lhe é fundamental, perdendo parte importante da originalidade de Marx – que diferencia o concreto pensado (produto do pensamento construído a partir de conceitos simples que expressam determinações simples – movimento do pensamento) e o condicionamento histórico das abstrações com as quais o pensamento opera – relação entre o movimento do pensamento e o movimento real. Em Della Volpe a abstração científica é *determinada*, oposta à abstração genérica, *indeterminada*, de Hegel[14].

Colliot-Thélène defende que no essencial Marx continua seguindo Hegel: "A s'en tenir ... aux thèses théoriques positives énoncées dans l'*Introduction de 1857*, bien loin de déterminer une méthode nouvelle susceptible de revendiquer légitimement le qualificatif de matérialiste, elles trahissent au contraire de troublantes similitudes avec

[9] É comum identificar como positivismo toda idéia de relação entre real e pensamento. No entanto, materialismo não é positivismo.

[10] Della Volpe, op. cit., p. 268.

[11] Galvano Della Volpe, *Rousseau e Marx, a Liberdade Igualitária*. Lisboa, Edições 70, 1982, p. 157, sublinhado por mim.

[12] Idem, ibidem, p. 163.

[13] Idem, *Opere*, 4, p. 466.

[14] Antonio Negri adota a abstração determinada como "le premier principe" de "la méthode de l'économie politique", mas a compreende de modo distinto. Para Negri "elle consiste en l'affirmation méthodique qu'on ne peut fonder les catégories en partant naïvement du 'réel' et du 'concret' mais seulement du développement d'un 'processus de synthèse' des données de l'intuition et de la représentation". Antonio Negri, *Marx au-delà de Marx, Cahiers de travail sur les "Grundrisse"*. Paris, Christian Bourgois Éditeur, 1979, p. 93.

les conceptions hégeliennes elles-mêmes"[15]. Mas ainda que não tenha completado sua ruptura com Hegel, Marx já não é mais Hegel. Em Marx o determinado não é expressão determinada de uma essência universal que lhe seria interior, não é epifenômeno; é produto de relações específicas de um todo histórico específico real. As relações determinantes são *históricas*, não são universais, não valem para todas as épocas; pelo contrário, elas definem a especificidade de um dado modo de produção.

Marx fala em aparência e essência, mas alerta para o seu "flirt" com terminologia hegeliana. É preciso pois ter cuidado e colocar entre aspas essa "essência", porque em Marx esse termo antigo não expressa mais a mesma coisa. Para Badaloni, por exemplo, "La chiave del rovesciamento della logica hegeliana è appunto diverso modo di definire il concetto di essenza e di apparenza. Per Hegel il fondamento si trasforma in apparenza ed il consumo di questa dà luogo all'unica realtà veramente esistente: l'astratto che si autoproduce e si autosviluppa. Per Marx l'apparenza dello autosviluppo è ciò che impone la necessità di scoprire i *rapporti sostanziali* che rendono possibile tale sviluppo. L'ideale (cioè il solo lato formale) è incapace di movimento e di automovimento e può solo succhiare le energie del concreto veramente esistente"[16]. Já Bidet propõe que "Marx trouve appui dans la *Logique* de Hegel et pourtant ne construit jamais son système qu'en éloignant, notamment en surmontat progressivement (mais jamais totalment) une série bien déterminée d'obstacles epistémologiques issus du mode dialectique hégélien d'exposé et de la conception hégélienne de la science"[17].

É crucial reconhecer que em Marx as relações determinantes são históricas. Para falar do movimento real que não se mostra é preciso conhecer seus determinantes, ultrapassar a abstração da sua aparência – o que exige pensamento, teoria, conceito. Mas em Marx essa exigência *não é* puramente epistemológica. Se há um movimento do pensamento em busca da apreensão dos determinantes da realidade, em Marx esse movimento é necessariamente histórico, historicizado, não apenas em termos de história do pensamento ou da teoria, mas também de sua inserção histórica real. Não é em qualquer sociedade a qualquer tempo que é possível pensar a sociedade e alcançar seus determinantes para explicá-la. *O conhecimento efetivo do social só se torna possível em determinadas condições históricas e não apenas em determinadas condições teóricas*.

---

[15] Catherine Colliot-Thélène, "La logique du concret: idéalisme et matérialisme". In: Georges Labica (org.), *Étudier Marx*. Paris, Éditions du CNRS, 1985.

[16] Badaloni, *op. cit.*, p. 74-75.

[17] Jacques Bidet, *Que faire du Capital ? Matériaux pour une refondation*. Paris, Klincksieck, 1985, p. 11.

Tal esforço teórico é necessário especialmente na sociedade marcada pelo fetichismo da mercadoria, mas curiosamente só é possível nesta sociedade, em que a forma geral das relações que a constituem são condição histórica da possibilidade do conhecimento dela. Não porque essa realidade histórica vá se *refletir* no pensamento ou que o pensamento seja capaz de *espelhar* essa realidade, no sentido de reprodução como transposição de um plano para outro – concreto/abstrato ou abstrato/concreto na acepção comum, derivada da concepção empirista. Mas no sentido preciso de que "as abstrações mais gerais não se produzem a não ser onde existe o desenvolvimento concreto mais rico".

O trabalho teórico capaz de alcançar determinantes exige que se disponha de conceitos simples e gerais. Marx aborda detidamente a produção desses conceitos, cuja generalidade não é produzida por generalização, ao contrário do que supõe Balibar[18]. Uma generalização se produz por comparação, descartando o diferente e retendo apenas o que é comum, considerando que o essencial é o comum – procedimento empirista. Por exemplo, o conceito de trabalho abstrato não resulta da comparação entre trabalhos distintos (afinal, não se disporia ainda de critérios para indicar o que comparar), mas da existência objetiva de uma indiferenciação de gêneros de trabalhos reais, o que só ocorre numa determinada sociedade, que Marx nomeia sociedade do capital. Por isto esta sociedade é condição histórica para que algum pensamento possa formular o conceito de trabalho sob esta forma abstrata.

Para Jacques D'Hondt "Marx a donc repris largement à son compte l'analyse du travail, entendu comme activité finaliste, développée par Hegel. Ce faisant, a su l'adapter aux exigences de son propre système explicatif et à son matérialisme philosophique"[19]. Há quarenta anos Althusser levantava a questão da especificidade da dialética de Marx, que teria rompido com outras problemáticas e construído a sua própria na maturidade[20]. Althusser pensava encontrar em Marx ainda a formulação hegeliana da " 'coupe essencielle' qui rend l'essence *visible*"[21]. Tomando a referência

---

[18] Balibar, "Annexe: un texte de méthodologie", cit.,

[19] Jacques D'Hondt, "Marx et le Concept Hégélien du Travail". In: Georges Labica (org.), *De Marx au Marxisme*. Paris, Éditions du CNRS, 1986, p. 38.

[20] A produção do último Althusser, que para Balibar é uma espécie de desconstrução de suas formulações anteriores, já não sustenta a tese de ruptura total de Marx com Hegel. Étienne Balibar, "Tais-toi encore, Althusser", *Les Temps Modernes,* n° 509, dez. 1988; republicado em Étienne Balibar, *Écrits pour Althusser*. Paris, La Découverte, 1991. Para uma outra leitura do último Althusser, consultar esp. Toni Negri, "Pour Althusser. Notes sur l'évolution de la pensée du dernier Althusser". In: Louis Althusser et al., *Sur Althusser. Passages*. Paris, L'Harmattan, 1993; também "Machiavel selon Althusser". In: G. Albiac et al. *Lire Althusser aujourd'hui*. Paris, L'Harmattan, 1997.

[21] Althusser, "L'objet du *Capital*", cit., p. 78.

que Marx faz a Aristóteles em termos da possibilidade/limite que a realidade histórica concreta colocava para o seu pensamento (que remete à "teoria" do reflexo), Althusser supõe que Marx os trata como "penseurs qui n'ont rien fait d'autre que penser, enfermés *dans les limites de leur présent*, et ne pouvant sauter-par-dessus leur temps"[22]. Cita *O Capital*:

> "*Ce qui empêchait Aristote* de lire (herauslesen) dans la forme valeur des marchandises que tous les travaux sont exprimés ici comme travail humain indistinct, et par conséquent égaux, c'est que la société grecque reposait sur le travail des esclaves, et avait pour base naturelle l'inégalité des hommes, et de leurs forces de travail." (*Capital*, I, p. 73)

Althusser comenta: "Le présent qui permettait a Aristote d'avoir cette géniale intuition de lecture lui interdisait en même temps de répondre au problème qu'il avait posé." E acrescenta: "Les Mercantilistes ... (et) les physiocrates n'ont fait que réfléchir leur propre présent ... : ce faisant ils n'énonçaient rien d'autre que *l'essence même de leur présent*. ... Eux non plus ne pouvaient sauter par-dessus leur temps; ... ils décrivaient en somme ce qu'ils *voyaient*"[23]. A meu juízo, Althusser opera uma redução ao considerar a determinação da possibilidade e do limite do pensamento pela realidade histórica no campo estreito do empirismo, em que o pensamento se exerce a partir da percepção e o material para pensar provém do sensível. Por outro lado, Althusser parece chegar a Marx por meio de Hegel. Entende a determinação do pensamento pela realidade histórica como determinação pelo presente, sendo este "le présent du *savoir absolu*, ... où la vérité peut être *lue* à livre ouvert dans les phénomènes, sinon directement, du moins à peu d'efforts, puisque dans les phénomènes, sont réellement présentes, dans l'existence empirique réelle, les abstractions sur lesquelles repose toute la science historico-sociale considerée"[24]. Pondera que Marx estaria procedendo a "la lecture à ciel ouvert de l'essence dans le phénomène ... , où la généralisation de la production marchande, donc de la catégorie de marchandise, apparaît tout à la fois comme la condition de possibilité absolue et *le donné immédiat de cette lecture directe*

[22] Idem, ibidem.

[23] Idem, ibidem, p. 78-79.

[24] Idem, ibidem, p. 79.

de l'expérience"[25]. Mas os dois grandes exemplos que Marx oferece no seu texto esclarecendo sua proposta metodológica são os de trabalho abstrato e de indivíduo. Marx não recorre aí à categoria mercadoria. E o que pode ser válido para a categoria mercadoria talvez não se aplique igualmente à categoria força de trabalho.

É importante confrontar as formulações de Althusser com as de Marx sobre o trabalho. Para Althusser tratar-se-ia da *leitura da verdade nos fenômenos*, ao nível da existência empírica real, leitura da essência no fenômeno, dado imediato, no qual as abstrações seriam reais. Marx diz:

> "Le travail semble être une catégorie toute simple." "Il pourrait alors sembler que l'on eût par là simplement trouvé l'expression abstraite de la relation la plus simple et la plus ancienne dans laquelle – en quelque forme de société que sois – entrent les hommes en tant que producteurs. C'est juste en un sens. Dans l'autre, non."

A categoria trabalho em geral[26] se refere a qualquer trabalho, nem este nem aquele, mas tanto este quanto aquele, quer dizer todo trabalho. Dispondo desta noção, pode parecer que apenas se formulou algo que teria existido desde sempre e talvez para sempre, o que não poderia demandar uma determinação histórica precisa, porque ela poderia ser alcançada em qualquer tempo e lugar, portanto inclusive nas formas mais simples de organização social. No entanto, Marx diz que não é assim:

> "Cette exemple du travail montre d'une façon frappante que même les catégories les plus abstraites, bien que valables – précisement à cause de leur abstraction – pour toutes les époques, n'en sont pas moins, sous la forme déterminée de cette abstraction même, le produit de rapports historiques et n'ont leur entière validité que pour ces rapports et à l'intérieur de ceux-ci."

Quando considera as condições históricas para a produção da categoria trabalho, Marx acompanha por um lado transformações históricas no plano da organização econômica, com os deslocamentos que elas operam quanto à fonte de

---

[25] Idem, ibidem, p. 80, itálicos meus. Para uma discussão sobre essas questões ver Cardoso, *La Construcción de Conocimientos*, cit., cap.1.

[26] Para um estudo da diferença entre trabalho abstrato e trabalho em geral, ver Gianfranco La Grassa, *L'inattualità di Marx*. Milano, F. Angeli, 1989, esp. cap. 2: "L'astrazione del lavoro: un problema nient'affatto risolto".

riqueza e à organização do trabalho; por outro lado se refere a concepções da atividade criadora de riqueza.

> "Adam Smith a réalisé un énorme progrès en jetant au panier tout caractère déterminé de l'activité créatrice de richesse : travail tout court, qui n'est ni le travail manufacturier, ni le travail commercial, ni le travail agricole, mais aussi bien l'un que l'autre."

Fala em sistema monetário, sistema manufatureiro, sistema comercial – formas de organização da atividade econômica. Adiante fala nos fisiocratas e em Adam Smith – teorizações sobre a atividade criadora de riqueza. Em nenhum dos casos está falando de realidades fenomênicas empíricas, mas ou de sistemas de relações que formam e organizam os fenômenos empíricos ou de produções do pensamento. Detém-se na noção de trabalho abstrato tal como formulada por Adam Smith. Caracterizando-a pela não-determinação da atividade criadora de riqueza, afirma que tal indeterminação não poderia ser pensada deste modo em *qualquer* forma de sociedade. E coloca o que me parece ser o ponto decisivo que define o materialismo do seu método.

> "L'indifférence à l'égard d'un genre déterminé de travail présuppose l'existence d'une totalité très développée de genres réels de travail dont aucun n'est plus absolument prédominant. Ainsi les abstractions les plus générales ne prennent au total naissance qu'avec le développement concret le plus riche, où un aspect apparaît comme appartenant à beaucoup, comme commun à tous. On cesse alors de pouvoir le penser seulement sous une forme particulière. D'autre part, cette abstraction du travail en général n'est pas seulement le résultat dans la pensée d'une totalité concrète de travaux. L'indifférence à l'égard du travail déterminé correspond à une forme de société dans laquelle les individus passent avec facilité d'un travail à l'autre et où le genre déterminé de travail est pour eux contingent, donc indifférent."

Adam Smith produziu a categoria trabalho sobre formulações anteriores, mas pôde fazê-lo porque a realidade histórica oferecia as condições concretas para tal. Que condições? Dados imediatos, fenômenos empíricos desta realidade? Marx fala de uma "totalité très developpée de genres réels de travail" ou "totalité concrète de travaux" e de uma "forme de société dans laquelle les individus passent avec facilité d'un travail à l'autre et où le genre déterminé de travail est pour eux contingent, donc indifférent".

Fala de uma forma de sociedade em que o trabalho é indeterminado, porque nela são muitos os gêneros reais de trabalho e de uma forma de organização do trabalho em que os que trabalham são formalmente livres para se deslocarem de um trabalho a outro, não estão presos nem a um lugar, nem a um senhor, nem a um gênero de trabalho. Marx se refere à forma da organização econômica numa sociedade em que há grande multiplicidade de relações e numa forma de organização do trabalho caracterizada pela figura do trabalhador, aquele que trabalha tanto nisso quanto naquilo e que não está unido indissoluvelmente ao seu trabalho. Na realidade concreta, porém, o trabalho é sempre *um* trabalho, trabalho *determinado*, este ou aquele, e o trabalhador ocupado está sempre realizando *um* trabalho *determinado*, parte de um gênero de trabalho determinado. Portanto, as formas de que fala Marx – forma de sociedade, forma de organização econômica, forma de organização do trabalho – não constituem dados imediatos de uma realidade empírica sensível que se ofereça à observação. As abstrações mais gerais não são produzidas pelo processo empirista de abstração, a partir da percepção do sensível[27]. As formas de que Marx fala não são sensíveis – a não ser naquilo que elas organizam, não elas mesmas –, portanto não são objetos de percepção[28].

É importante ressaltar nessa leitura que a noção de concreto pensado não se encontra ainda completa em Marx antes da sua formulação sobre a produção das abstrações mais gerais e do seu uso retroativo. A noção de concreto pensado não se esgota no plano estritamente epistemológico, embora a produção do concreto de pensamento seja toda ela teórica.

---

[27] Afasto-me aqui de toda uma linha de autores que adotam a idéia de *abstração real*, como Lucio Colletti: " 'quest'astrazione del lavoro in generale non è soltanto un risultato mentale', cioè una generalizzazione della nostra mente: è bensì, e innanzitutto, un *fatto*, cioè un tipo reale di lavoro, quello della società capitalistica, che è *diverso da tutti* gli altri lavori riassunti nella generalizzazione o nell'idea." Prefazione a Il'enkov, op. cit., p. XLIX; ou Guido Carandini: "Si è detto prima che l'astrazione non è per Marx solo un procedimento che solleva la realtà alla riflessione teorica ma un modo di essere della realtà stessa che il pensiero se limita a comprendere." *Lavoro e Capitale nella Teoria di Marx*. Padova, Marsilio Editori, 1971, p. 39; ou Ruy Fausto:"Na realidade, o trabalho abstrato não é nem uma construção do espírito, embora o espírito a reproduza, nem uma generalidade fisiológica: é o movimento da abstração que se opera no próprio real. A produção de mercadorias opera, ela própria, a abstração." *Marx. Lógica & Política*, tomo I. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 123.

[28] Marx fala da dificuldade de se alcançar a formulação de uma categoria simples e abstrata como o trabalho em geral. Diz que "l'exemple d'Adam Smith, qui retombe lui-même de temps à autre dans le système des physiocrates, montre à quel point était difficile et important le passage a cette conception nouvelle". A abstração simples de dados fenomênicos não apresenta tanta dificuldade, nem se reveste de tanta importância.

> "... le travail est devenu, non seulement comme catégorie, mais dans la réalité même, un moyen de créer la richesse en général, et a cessé de ne faire qu'un en tant que détermination avec les individus au sein d'une particularité. Cet état de choses a atteint son plus haut degré de développement dans la forme d'existence la plus moderne des sociétés bourgeoises, aux États-Unis. C'est là seulement, en effet, que l'abstraction de la catégorie 'travail', 'travail en général', travail *sans phrase*, point de départ de l'économie moderne, devient vérité pratique. Ainsi, l'abstraction la plus simple, que l'économie politique place au premier rang et qui exprime à la fois une relation très ancienne et valable pour toutes les formes de société, n'apparaît pourtant sous cette forme abstraite comme vérité pratique qu'en tant que catégorie de la société la plus moderne."

Na sociedade em que o trabalho é qualquer – quanto à criação da riqueza e quanto ao trabalhador – é que estão postas as condições históricas concretas para a produção da categoria trabalho abstrato. Por ser simples e abstrata esta categoria permite pensar qualquer trabalho até então. Uma categoria como esta permite distinguir trabalhos diferentes nas suas diferenças fundamentais: trabalho assalariado, trabalho servil, trabalho escravo. Mas de fato essa categoria só é verdade prática onde *o* trabalho existe, pela sua indeterminação, *embora cada trabalho real concreto seja sempre necessariamente determinado*. Assim, produzido sob o condicionamento histórico da sociedade em que é verdade prática, a categoria simples, geral e abstrata tem sua validade plena apenas nesta sociedade, mas por ser simples, geral e abstrata permite pensar outras formas de sociedade anteriores, marcando as diferenças distintivas de cada uma dessas formas, com o que se pode compará-las para além de suas realidades empíricas imediatamente dadas. Marx coloca esta questão já no item 1 da *Introdução de 1857*.

> "Quand donc nous parlons de production, c'est toujours de la production à un stade déterminé du développement social qu'il s'agit. ... Mais toutes les époques de la production ont certains caractères en commun, certains déterminations communes. La *production en général* est une abstraction, mais une abstraction rationelle, dans la mesure où elle souligne et précise effectivement les traits communs, nous évitant ainsi la répétition. ... faut-

> il bien distinguer les déterminations qui valent pour la production en général, afin que l'unité ... ne fasse pas oublier la différence essentielle. C'est de cet oubli qu'est faite, par exemple, toute la sagesse des économistes modernes qui prétendent prouver l'éternité et l'harmonie des rapports sociaux existant actuellement."

A categoria simples, geral e abstrata não é categoria *da* sociedade onde há o desenvolvimento concreto mais rico. A categoria trabalho abstrato, cuja produção tem como condição o modo de produção capitalista, quando tornada categoria específica deste modo se qualifica como trabalho *assalariado*. É preciso esclarecer se uma vez formulada a categoria simples, geral e abstrata vale para toda e qualquer sociedade.

> "La société bourgeoise est l'organisation historique de la production la plus développée et la plus variée qui soit. De ce fait, les catégories qui expriment les rapports de cette société, la compréhension de son articulation, permettent em même temps de se rendre compte de l'articulation et des rapports de production de toutes les formes de société disparues avec les débrits et les éléments desquelles elles s'est édifiée ... . L'économie bourgeoise nous donne la clef de l'économie antique, etc. Mais nullement à la manière des économistes qui effacent toutes les différences historiques et voient dans toutes les formes de société celles de la société bourgeoise."

A validade dessas categorias se dá apenas para a sociedade presente quando plenamente constituída e para as sociedades que a antecedem, porque uma totalidade social posterior, que seja fundamentalmente distinta e na qual haja outra variedade de relações e determinações oferecerá condições historicamente novas para a produção de outras categorias, ou melhor, categorias outras. A sociedade nova terá assim de refazer a ciência da história, com os recursos teóricos de que somente então o pensamento poderá dispor, que antes são impensáveis – porque, seguindo os ensinamentos desta leitura da *Introdução de 1857*, a construção do pensamento não se faz a priori, autonomamente, mas é condicionada pela realidade histórica, no sentido preciso não de uma homologia entre as duas ordens, mas da possibilidade ou não de construir abstrações que permitam alcançar determinações. Sempre *post festum*. Portanto, a explicação da organização e da transformação de um objeto histórico só pode ser produzida pelo pensamento quando este faça parte de uma sociedade com grande multiplicidade e variedade de

determinações no que se refere aos seus componentes fundamentais. As próprias formas de sociedade a que se chega nesse trabalho teórico de reconstrução da história são definidas a partir dessas categorias.

Assim, Texier não tem razão quando identifica no materialismo histórico uma teoria geral da história social[29]. De acordo com Marx, é a sociedade que na época ele ainda chamava de sociedade burguesa que, por apresentar grande riqueza de relações permite elaborar uma categoria abstrata como a de modo de produção. Não se encontra em Marx uma teoria do modo de produção, mas uma definição rigorosa do *conceito* de modo de produção, rigor necessário para torná-lo operativo na identificação de modos de produção diferentes – no plural e fundamentalmente diferentes. A existência de diferenças essenciais entre os modos de produção interdita uma teorização única, geral. Penso que o fundamental na concepção de história em Marx são as diferenças essenciais – quebras, rupturas, "revoluções sociais" – que marcam a sucessão dos modos de produção identificados na história. Só é possível a teorização explicativa de *cada* modo de produção, em torno das determinações fundamentais *deste* modo específico, determinações que são fundamentalmente diferentes das de qualquer outro. É exatamente essa concepção de história como história das revoluções sociais instauradoras de modos de produção novos que garante que a proposta política de Marx – revolucionária – não seja uma expressão voluntarista ou meramente subjetiva. Se considerasse possível e adequado formular uma teoria geral da história, seu projeto político não seria conseqüente ao ser revolucionário e se o fosse, não encontraria respaldo no esforço de produção da ciência da história. É importante notar ainda, principalmente pelo seu significado político, que uma totalidade em desagregação não comporta explicação a não ser pela condição de totalidade plenamente constituída, que ela está deixando de ser.

Esta análise destaca algumas questões. Primeiro, que Marx abandona a concepção essencialista própria de Hegel. Em Marx os determinantes são específicos e circunscritos historicamente. A história não é mais concebida como um desdobrar-se do mesmo, mas como a formação de modos de produção diferentes, não por diferenciação de uma essência, mas por transformação dos fundamentos, portanto revolucionária a cada modo de produção. O conceito de modo de produção, seu entendimento e sua sucessão só podem ser construídos quando um modo muito rico de determinações e

[29] Jacques Texier, "La division du travail dans la société ou la production comme sujet social (*Introduction* de 1857 aux *Grundrisse*)". In: Labica (org.), *De Marx au Marxisme*, cit., p. 43.

relações esteja efetivamente constituído. Esta reconstrução se faz nesse presente para ele e para o passado. Finalmente, o pensamento é condicionado pela história real, que o possibilita e o limita, mas *não* a partir do *sensível*. Penso que estas questões conjugadas caracterizam o materialismo no método de Marx, marcando diferença profunda do procedimento indicado e adotado por Marx quanto ao idealismo hegeliano e ao empirismo. O real, histórico, é condição. Não determina que algum conhecimento o apreenda e o explique. A necessidade da condução teórica do processo da produção do conhecimento expressa o não-determinismo, não automatismo, não-mecanicismo no método de Marx.